

A SEMÂNTICA INTERPRETATIVA DE FRANÇOIS RASTIER: QUADRO EPISTEMOLÓGICO E ASPECTOS METODOLÓGICOS

Por Flaviano Batista do Nascimento, tradução do original francês de Driss El Khattab¹, *La sémantique interprétative de François Rastier: cadre épistémologique et repères méthodologiques* in ASEL, V. 27, n^o2, ano 46, 2022

1. INTRODUÇÃO

A obra de François Rastier é caracterizada por um empreendimento teórico e metodológico cuja terminologia está repleta de termos precedidos do prefixo *re-*, como as noções de «refundação», «renovação», «redefinição», o que testemunha a vontade de proceder a um corte epistemológico com a tradição linguística, nomeadamente a linguística da frase, e de reativar, em contrapartida, as ligações com as disciplinas antigas do texto como a hermenêutica e a filologia. Na verdade, fala-se de uma questão que aspira conferir um estatuto científico à semântica ligada ao texto. Numerosos escritos de Rastier visam a uma reformulação epistemológica, uma renovação metodológica e conceptual para descrever as diversidades linguísticas.

Este artigo propõe uma perspectiva epistemológica e metodológica sobre a abordagem encarada por Rastier na semântica interpretativa², a fim de compreender o seu alcance no seio das ciências humanas e nas correntes da linguística moderna. Neste trabalho, tentaremos evidenciar os pressupostos epistemológicos da fundação da semântica interpretativa³ e identificar as problemáticas, as hipóteses, os métodos e os processos de validação. Os três pontos seguintes são sucessivamente examinados: sentido e textos: aspectos metodológicos (seção 1), semântica interpretativa: posicionamento epistemológico (seção 2) e as dicotomias fundadoras da semântica interpretativa (seção 3).

2. Sentido e textos: aspectos metodológicos

2.1. Definições e distinções

O projeto de Rastier (1989, 2001) baseia-se numa releitura que visa dois domínios da sua teoria da semântica interpretativa: o campo das teorias do sentido e o do texto. Esta releitura interessa, nomeadamente, pela definição dos conceitos. Antes de apresentar propostas, a abordagem do autor consiste em definir os conceitos descritivos e em redefinir alguns conceitos antigos, discutindo o seu conteúdo.

1. Université Hassan II-Casablanca/Faculté des lettres, Mohammedia, Maroc

2. Para uma síntese sobre a semântica interpretativa (nomeada semântica textual em 1989 e semântica dos textos em 2001), cf. A apresentação de Carine Duteuil-Mougel (2004), de Louis Hèrbert (2002), a de Christine Chollier (2005), de Driss El Khattab (2012, 2021a) e de Eric Trudel (2009).

3. Cf. REY, 1990, pp.13-14.

A definição produz um enunciado que se caracteriza por uma sequência de linguagem semanticamente equivalente ou um sinônimo. Ela «é frequente no discurso científico e serve para fundar não só teorias científicas, mas também as terminologias». A obra de Rastier contém um corpus de definições positivas e negativas formuladas por meio de paráfrase ou sinonímia perifrástica. O autor (1987) não se contenta em formulá-las, mas criticá-las dos autores que o precederam e esforça-se por precisar o seu conteúdo. Assim, «definições e conceitos são sinônimos, pelo menos conectados⁴». Com efeito, para o conceito de isotopia, Rastier adota a abordagem segundo a qual é necessário «(I) analisar as suas definições [...], (II) tomar partido a propósito das principais questões que foram debatidas após a sua formação; [...] (III) situar o conceito em relação à problemática que o produziu⁵».

Além disso, a definição está sujeita a condições de validade. Ao definir o tema, o autor admite que «esta definição deve ser especificada, caracterizando estes traços, este corpus e estas lexicalizações e, em seguida, colocando as questões da inter-relação dos temas entre si⁶». O autor descreve em seguida os seus conceitos, seguido de exemplos de palavras do léxico francês ou de frases emprestadas da literatura. A definição, que tem a estrutura X é Y, é formulada positiva ou negativamente. Do mesmo modo, suas definições, que fazem parte da metalinguagem da semântica ou da linguística do texto, são formuladas de forma concomitante com o trabalho de teorização. A teoria da semântica interpretativa consagra sempre uma parte à definição dos conceitos descritivos e operatórios. Damos exemplo dos conceitos «sentido», «percurso interpretativo» e «sema».

A noção de sentido é concebida em termos de definição positiva: o sentido é um nível de objetividade que não é redutível nem à referência, nem às representações mentais. É analisável em traços semânticos que são momentos estabilizados em percursos interpretativos⁷». A definição pode ser negativa como nesta frase: «O sentido de um texto não se deduz de uma sequência de proposições⁸». Algumas definições estão estabilizadas e constituem um instrumento metodológico da semântica interpretativa, como é o caso, nomeadamente, da definição do sema e dos seus diferentes tipos. O autor enumera dois tipos de semas: os semas genéricos e os semas específicos. Dos semas genéricos, encontram-se três tipos: *micro-genéricos*, *meso-genéricos* e *macro-genéricos*. Outras definições evoluíram como a do percurso interpretativo, que apresenta numerosas variantes: «sequência de operações cognitivas que permitem atribuir um sentido a uma sequência linguística⁹»; «sequência de operações que permitem atribuir um ou mais sentidos a uma sequência linguística¹⁰»; finalmente, «sequência de operações que permitem atribuir um ou mais sentidos a uma passagem ou a um texto¹¹». Em suma, as definições têm por função a distinção dos conceitos em termos de tipos. De maneira geral, a estratégia de redefinição, desmembramento e refundição parece ser o eixo metodológico central do projeto de Rastier.

4. Cf. GRAWITZ, 2001, p.19

5. Cf. RASTIER, 1987, p.87

6. Cf. RASTIER, 2001, p.197

7. Cf. RASTIER, 2012, p.41

8. Cf. RASTIER, 2014, p.441

9. Cf. RASTIER, 1989, p.280.

10. Cf. RASTIER, et.al. 1994, p.223.

11. Cf. RASTIER, 2001, *op.cit.*, p.301

2.2. Concepções e orientações

Uma das características do edifício teórico de Rastier na sua obra é a revisão dos paradigmas semânticos que prevaleceram no passado. Neste quadro, Rastier (2001) retém três concepções designadas pelo termo «problemática». As três concepções da significação, centradas no signo, são (I) a problemática referencial do sentido, (II) a hipótese do sentido inferencial e (III) o sentido diferencial. O autor apresenta o histórico e o alcance filosófico de cada concepção antes de afirmar o seu ponto de vista. Acentuamos a primeira e terceira concepções.

2.2.1. O sentido como referência

A semântica referencial descreve as condições em que a linguagem pode dar conta da verdade, partindo do significante ao conceito e do conceito ao referente. As duas versões da teoria da referência são a teoria *extencional* (o sentido de uma palavra como «cachorro» é definido pela sua extensão ou pela extensão do domínio animal no mundo) e a teoria *vericondicional* que permite definir as condições de verdade das proposições declarativas; tal semântica é apoiada por Kleiber¹². A recusa desta concepção por parte de Rastier (2001) justifica-se pelos seguintes fatos: (a) esta concepção permitiu uma tradição metafísica que não corresponde à que o autor pretende instaurar; (b) a significação não é remetida para o mundo; (c) as duas formas de significação referencial são adequadas para as línguas formais e não consideram o sujeito nem a cognição¹³.

No entanto, a referência que o autor pretende expulsar pela porta da semântica volta pela janela através do conceito de «impressão referencial». A referência vericondicional (lógica e denotacional) é remetida para o domínio da psicologia; foi o que levou o autor a afirmar que «a questão da referência torna-se, então, a da constituição das impressões referenciais, que exige uma colaboração da semântica e da psicologia¹⁴». Embora constitua a mediação entre o texto e a parte não linguística (semiótica) da prática, a impressão referencial (espécie de imagens mentais) continua a ser um elemento extralinguístico.

2.2.2. O sentido como diferença

O conceito diferencial do sentido é emprestado de Saussure que diz que, na língua, só há diferenças, mas foi a ideia de oposição e de valor que deu mais consistência a esta concepção aplicada em lexicologia. Sem entrar nos pormenores técnicos, destacamos que os significados linguísticos são tratados numa língua definida como sistema. Todos os signos se analisam em relação de oposição que permite a criação de traços relacionais diferenciando a sua classe das outras classes. Os traços comuns são traços genéricos e os traços diferenciais são traços relevantes. A hipótese que anima a perspectiva diferencial do sentido é que uma palavra não pode ser definida, isoladamente, em relação ao que designa (denotação), mas em relação a outras palavras do mesmo sistema ou campo semântico. A semântica estrutural caracterizou-se, geograficamente, por duas vias de investigação linguística. Na tradição americana, Katz e Fodor (1963) e Katz e Postal (1964) consideram a palavra como um todo que se decompõe em partes, as quais se reduzem

12. Cf. KLEIBER, 1997, pp.32-33

13. Cf. LACOUR, 2004.

14. Cf. RASTIER, 2001, nota p.37.

a unidades de sentido mínimas, chamadas traços semânticos ou semas. Esta versão gerativista da hipótese da segmentação lexical deriva da lógica das proposições e dos predicados; é por isso que se centra na categoria verbal na abordagem de Lakoff (1971) e de Mc Cawley (1968). Concebidos como parte da estrutura semântica e sintática, os verbos deixam-se analisar como predicados atômicos¹⁵ Na tradição europeia, a análise sêmica centra-se na categoria do nome: testemunham os exemplos dados por Greimas (1966), Pottier (1964) e Lyons (1978; 1980) Esta análise compreende os semas a partir de um campo lexical e baseia-se no princípio da lógica das classes formulado por Frege. Para Rastier (1987, 2001), as diferenças e identidades entre unidades são definidas em língua (significação) e são descritas no texto, ou mesmo no corpus. É um sistema semântico de interação. Na teoria de Katz-Fodor-Postal, a identificação das unidades lexicais é elaborada pelo acesso a conteúdos semânticos estáveis, pré-estabelecidos ou mesmo universais, ao passo que para Rastier, a análise dos sememas concebe-se como um processo de constituição de conteúdos variáveis conforme os contextos.

A metodologia do paradigma diferencial adotada tem as seguintes características: (I) define o sentido em contexto¹⁶ (o texto é todo o contexto); (II) o método empírico que funda este paradigma estipula que o sentido é detectado através das ocorrências, elementos observáveis em textos; (III) permite identificar traços de conteúdo que compõem os significados e não primitivos¹⁷. É preciso notar que a contribuição de Rastier consiste em especificar o número, a natureza e o tipo de semas¹⁸ e em transpor o sentido da palavra para o texto. Assim, a semântica diferencial constitui para o autor uma perspectiva que preserva a autonomia da semântica linguística orientada para a descrição dos textos.

15. Na obra de GALMICHE (1975) assistimos a apaixonantes discussões sobre a semântica interpretativa de KATZ ET FODOR (1963) e KATZ ET POSTAL(1964) por um lado e entre esta concepção e a semântica gerativa por outro lado.

16. A noção de contexto funde-se com a de discurso e situação e designa «o conjunto de fatores causais externos, delimitados a priori por um olhar abstrato» (HOUDÉ, 1998, p.124). O contexto segundo RASTIER significa em primeiro lugar o texto em que aparecem as palavras e as frases. É definido da seguinte forma: «para uma unidade semântica, conjunto de unidades que têm impacto sobre ela (contexto ativo) e sobre as quais ela tem impacto (contexto passivo). [...] No nível superior, o contexto se confunde com a totalidade do texto» (RASTIER, 2001, p.298). No passado, a teoria semântica de Firth a define como «a matriz dentro da qual ocorrem situações socialmente distinguíveis e significativas». (Cf. LYOS, 1980, p.235). Aqui FIRTH realmente invoca o conceito de contestação cultural. Para outras definições desta noção em diferentes disciplinas, cf. HOUDÉ, 1998. pp. 122-128 e para os problemas epistemológicos do contexto, cf. RASTIER, 1998.

17. Os primitivos são entidades semânticas (traços sêmicos) que resultam decomposição lexical nos gerativistas (KATZ E POSTAL 1964; GALMICHE, 1975). A análise em termos de traços tenta implementar primitivas, que em muitas semânticas estruturais ou cognitivas são átomos conceituais independentes das línguas. Para esta última categoria de traços, o problema que se coloca é o do seu número (cf. WIERZBICKA, 1993) e da sua integração nos modelos linguísticos que tratam da língua inglesa (RASTIER, 1991, p. 103).

18. Traços semânticos ou sêmicos são amplamente especificados em RASTIER, 1987, Cap. III

2.3. Sentido, texto e ciências humanas: estratégias de reformulação e empréstimo.

Rastier (2001) presta uma atenção muito particular à determinação do lugar do seu objeto (sentido e texto) em relação às outras disciplinas das ciências humanas e sociais e sublinha o seu posicionamento no seio das ciências da linguagem. Tal vertente epistemológica e metodológica, envolvida na sua obra, não constitui um eixo secundário ou uma parte caracterizada pela erudição, mas é uma base, a partir da qual fundou a teoria da semântica interpretativa, uma parte incontornável para justificar as suas escolhas teóricas e metodológicas.

Para elaborar a teoria da semântica interpretativa, Rastier (2001) recorreu a diversas estratégias e procedimentos metodológicos para assegurar sua pertinência, a exaustividade e a adequação descritiva da sua abordagem. Apresentamos, a seguir, os diferentes traços metodológicos e epistemológicos que estão na base da semântica interpretativa¹⁹.

(I) A determinação do quadro geral

Por uma questão de clareza e precisão, Rastier (2001; 2015) define o quadro epistemológico em que baseou a semântica interpretativa. Com efeito, as revisões e refundações introduzidas visam à instauração de uma epistemologia e de uma metodologia capazes de fundamentar uma descrição científica das diversidades linguísticas, no âmbito de uma semiótica das culturas²⁰ e na perspectiva histórica e comparada.

(II) O desmembramento das disciplinas do texto

Este processo, que contraria a especialização e a compartimentação dos saberes em ciências humanas e sociais, segue a abordagem de reagrupamento das disciplinas a fim de alcançar o objetivo atribuído pela teoria: a objetivação do sentido, a sua descrição científica e a interpretação dos textos. Na semântica interpretativa, o desmembramento interessa às disciplinas do texto, nomeadas em Artes e Ciências do Texto, ou seja, a estilística, a crítica literária, a semiótica, a retórica dos textos, a hermenêutica e outros saberes.

O autor emprega, igualmente, o termo geral de «complementaridade» das disciplinas. Mas as disciplinas do texto que partilham o mesmo domínio empírico «diferem tanto por seu estatuto epistemológico e acadêmico como por seus objetivos, métodos e processos de validação²¹». Em nossa opinião, a complementaridade desejada ou o reagrupamento das disciplinas pode ter três formas: a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a intradisciplinaridade²². Os desmembramentos constituem uma operação que está indubitavelmente sujeita a restrições metodológicas. No entanto, a abordagem adotada por cada disciplina não deve estar em contradição com as abordagens das outras ciências do texto.

19. Identificamos seis traços metodológicos e epistemológicos na abordagem de RASTIER, e outros traços serão expostos nos nossos trabalhos futuros.

20. Trata-se de uma semiótica que tende a federar a linguística, a história e a antropologia, cf. RASTIER, 1996a, p.10.

21. Cf. RASTIER, 2001, p.6.

22. Para um desenvolvimento destas três formas de agrupamento das disciplinas, cf. EL KHATTAB, 2017, cap. II.

III) Empréstimo aos modelos das disciplinas das ciências sociais

Rastier (2001) visou à renovação metodológica, propondo uma teoria semântica que renova duas disciplinas antigas, a saber, a filologia e a hermenêutica, ambas lidavam com textos, uma no plano da letra e outra no plano do espírito. O empréstimo é um procedimento que visa dar um fundamento epistemológico à semântica linguística, independente das teorias da referência e da representação²³. Sendo duas disciplinas antigas, a filologia e a hermenêutica necessitam de alterações a fim de satisfazer os imperativos técnicos ou mesmo tecnológicas do nosso tempo. É assim que a filologia é anexada à informática e se torna uma filologia digital. Para a hermenêutica, teoria da interpretação dos textos, Rastier recorreu ao modelo de análise de Schleiermacher, desenvolvido por Peter Szondi. Integrado na semântica interpretativa, este modelo é então chamado «hermenêutico material» porque explora as conquistas da filologia e da hermenêutica. Assim, «reunindo a hermenêutica e a filologia, a hermenêutica material coloca a problemática da interpretação no centro das ciências da linguagem²⁴». O elemento central deste modelo repousa no princípio do global que determina o local.

A psicologia e a semiótica, entre outras disciplinas das ciências sociais, foram solicitadas. No que diz respeito à psicologia, podemos constatar que a concepção morfossemântica se baseia em certos princípios da psicologia da forma para descrever o sentido. Nesta ótica, o autor desenvolve a hipótese da percepção semântica, que associa uma interpretação que se assemelha mais ao reconhecimento das formas semânticas (assimiladas às moléculas sêmicas) e dos fundos (assimilados às isotopias genéricas) do que ao cálculo²⁵. O modelo perceptivo estabelecido consiste, então, em «elaborar formas, estabelecer fundos e fazer variar as relações de fundo-forma²⁶». Por outro lado, a concepção morfossemântica do texto recorre ao modelo dos sistemas dinâmicos e, neste caso, «os fundos semânticos aparecem como pontos regulares, sendo as formas discretizadas pelos seus pontos singulares²⁷».

(IV) Unificação dos paradigmas do sentido

Existem vários paradigmas do sentido. Para elaborar uma semântica relativista que permita distinguir as línguas particulares, Rastier (1991) põe em prática o paradigma da diferença ao lado dos dois primeiros paradigmas; o paradigma referencial e inferencial. A hipótese avançada é a de que estes paradigmas podem ser unificados, o que não significa que estejam em pé de igualdade. Com efeito, o paradigma escolhido é o paradigma diferencial, razão pela qual fornece a quase totalidade dos conceitos descritivos e operatórios da teoria.

A unificação assume duas formas: a)- a integração das três concepções do sentido na teoria em questão, b)- a hierarquização da sua relação de tal forma que o modelo se apresenta como uma abordagem que «trata da inferência e da referência no âmbito de uma semântica diferencial²⁸». Por conseguinte, a semântica diferencial abre-se a duas direções: a primeira consiste em promover uma semântica específica para as línguas particulares e, nesta ótica, a sua abordagem retoma a

23. Cf. RASTIER, 1996, p.46.

24. Cf. RASTIER, 2001, p.99.

25. Para mais amplas informações sobre as formas e os fundos, cf. RASTIER, 2006, p. 104 *sq.*

26. Cf. RASTIER, 2001, p.48.

27. Cf. RASTIER, 2014, p.441.

28. Cf. LACOUR, 2004.

hipótese do relativismo linguístico. A segunda diz respeito ao estudo da percepção influenciada pela cultura, pondo em jogo mecanismos universais²⁹. Tal opção metodológica assegura a articulação dos fatos específicos e dos dados universais, o que caracteriza a semiótica das culturas.

Unificar as três problemáticas do sentido garante à teoria semântica proposta uma descrição exaustiva dos dados semânticos das línguas e dos textos. A unificação situa-se, igualmente, em nível das unidades. De fato, a teoria defendida pelo autor pretende ser uma semântica unificada que vai do signo ao texto. Por outras palavras, unificar é um procedimento metodológico pelo qual, os princípios diferenciais e interpretativos se observam em diferentes etapas, a da lexia, a do período, e a do texto.

(V) Descrição: princípios e métodos

O autor esforça-se para por pôr em prática um arsenal conceitual que visa a descrição do sentido, com intenção de realizar o objetivo: o estudo racional do sentido, tendo em conta as unidades inferiores (os morfemas, as lexias, os sintagmas) e as unidades superiores (as frases, os períodos e os textos). Visetti³⁰ examina o status da semântica, colocando a seguinte problemática: ou a semântica é uma ciência da descrição, ou então ela se dedicaria a tornar-se uma arte metódica, um saber rigoroso. Como uma ciência da descrição, a semântica interpretativa baseia-se na descrição que é um orçamento metodológico das ciências da cultura. O autor tende a considerar uma descrição racional que é enfim uma condição necessária e, por vezes, suficiente para permitir uma implantação informática. Como um conhecimento metódico, deve estabelecer procedimentos rigorosos para descrever o sentido das palavras, dos sintagmas, das frases e dos textos. Assim, o rigor científico surge na adoção do modelo de análise fonológica, com vista a caracterizar, minuciosamente, as unidades semânticas. E no plano epistemológico, a semântica diferencial resulta de uma semiótica dos textos na qual «a descrição é apenas uma interpretação fixa³¹».

A descrição do conteúdo semântico baseia-se nas seguintes instruções:

- 1 — A descrição unificada, do léxico ao texto, baseia-se em normas culturais (gêneros e tipologia dos textos) para a interpretação do texto que é um objeto empírico³²;
- 2 — Uma leitura descritiva deve tender a eliminar as instruções extrínsecas;
- 3 — A descrição deve restituir o aspecto dinâmico da produção e da interpretação dos textos³³.
4. — Descrição e conceituação andam juntas. Dado que a perspectiva logico-gramatical não pode estender-se à situação e à história, a análise dos textos exige conceitos que ultrapassam o nível da semântica lexical, É o

29. *Ibid*

30. Citado em RASTIER, 2001, p.9.

31. Cf.CAVAZZA, 1996, p.62.

32. Cf. CAVAZZA, 1996, p.55.

33. Cf.RASTIER, 2014, p.441.

caso, nomeadamente, dos conceitos que dão conta dos aspectos filológicos e hermenêuticos: o ponto de vista, o valor, a foria e a garantia³⁴.

(VI) Método histórico e comparativo

Este método está em conformidade com a concepção diferencial do sentido dos textos. Com efeito, «como o sentido é feito de diferença, a metodologia considerada é histórica e comparativa, como a da antropologia e da maior parte das ciências sociais³⁵». O método comparativo é utilizado em todas as fases da investigação e em todos os níveis da análise. Por exemplo, no nível do texto, para estabelecer uma hermenêutica material, é necessário o comparatismo linguístico, seguido de uma metodologia que o vincula à crítica filológica³⁶. Embora seja antigo (remonta ao século XIX), o método em questão está, aos olhos do autor, apto a dar conta do sentido e dos textos e levar adiante o relativismo cultural.

3. Semântica interpretativa: quadro epistemológico

A semântica interpretativa seria uma teoria linguística ou uma abordagem derivada da semiótica das culturas? Destacando-se da concepção de Greimas, que propõe uma semântica universal, Rastier (2017) trabalha para uma semiótica de inspiração saussuriana cujo objeto é constituído pela semiose e não pelo signo.

3.1. Semântica interpretativa e ciências humanas e sociais

O problema epistemológico do objeto da semântica e da sua especialização foi colocado desde o seu aparecimento como ramo da linguística. Durante muito tempo, ela foi descrita como a parente pobre da linguística³⁷ e, além disso, está ligada, por vezes, à psicologia, outras vezes à sociologia, como em Bréal (1898). Não pode receber um tratamento formal como é o caso da fonologia ou da sintaxe. Depois de Saussure, Greimas vai restabelecer o status da semântica, declarando que é uma ciência humana e que procura descrever os valores e não postulá-los³⁸. Rastier considera que a semântica interpretativa faz parte de uma corrente científica e, por conseguinte, se inscreve na linha do carácter empírico da linguística. No plano metodológico, o sentido é estudado objetivamente, observando os dados, a fim de analisá-los na perspectiva onomasiológica. Assim, a objetivação do sentido textual constitui uma diligência heurística capaz de dar conta da mudança de significações em situações novas.

É preciso procurar os componentes do sentido em conhecimentos enciclopédicos de todos os tipos, nomeadamente os das ciências sociais. Literatura, história, direito, sociologia, filosofia, etc. solicitam aspectos semânticos, mas não pretendem fazer deles objeto de consulta. Além disso, a semântica interpretativa tende a igualar as disciplinas das ciências sociais (a poética,

34. Para a definição desses conceitos, cf. RASTIER, 2015, p.98 *sq.*

35. Cf. RASTIER, 2014, p.437.

36. Cf. RASTIER, 2001, p.101.

37. GREIMAS observa que é a definição do significado como «substância psíquica» que impede uma semântica propriamente linguística. O autor sublinha para este efeito que a definição tradicional do seu objeto, considerada unicamente como «substância psíquica», impedia de o delimitar claramente em relação à psicologia e, mais tarde, à sociologia» (GREIMAS, 1966, p.7).

38. Cf. GREIMAS, 1966, p.58.

a literatura, a hermenêutica, a estilística, etc.) as quais «descrevem o texto sem pretender fazer obra de ciência³⁹». Assim, em relação aos diferentes ramos da ciência humanas e sociais, a teoria da semântica interpretativa delimita-se e posiciona-se, adotando uma perspectiva descritiva.

A estratégia assumida pelo autor consiste em (I) defender a legitimidade de uma semântica linguística autônoma face às ciências vizinhas, como a psicologia cognitiva ou a sociolinguística. (II) argumentar em favor de sua integração no quadro da semiótica das culturas (III) precisar, em termos de releitura e de reformulação epistemológica, a relação entre sentido e diferentes disciplinas das ciências sociais (IV) Construir um modelo teórico que dê importância à investigação empírica (V) Articular, mais claramente, as relações entre teoria e prática para que a teoria tenda à simplificação.

3.2. Sentido e linguística: delimitação do campo de investigação.

As perguntas colocadas pelo próprio autor (2001, 2014) são de natureza epistemológica, tal como a do estatuto do seu objeto. A problemática é assim formulada:

- 1 — A semântica interpretativa é uma questão linguística?
- 2 — Qual é a natureza da sua relação com os ramos da linguística, como a pragmática ou a semântica cognitiva, a análise do discurso e outras disciplinas da linguagem?

A resposta à primeira questão está integrada na linguística, uma vez que analisa as palavras, as frases e os textos, mas não se centra na morfossintaxe. Esta teoria sintetiza as correntes da linguística textual, propondo uma abordagem que dá conta da análise semântica dos morfemas, dos textos e dos corpora. Além disso, no plano histórico, a semântica dos textos provém da linguística saussuriana que foi caracterizada por uma concepção não referencial da linguagem, tendo sido desenvolvida por Greimas e Pottier, que abriram o caminho a uma descrição sistemática dos textos. A nova abordagem linguística de Rastier consiste em ir do texto a seus polos extrínsecos ou correlativos não-linguísticos ⁴⁰.

Inscrita no seio da linguística, a semântica interpretativa faz a ligação entre a palavra e a frase, e depois entre a frase e o texto. Em Rastier (2001), ela põe em relevo a linguística geral e não universal. Distingue-se, portanto, das semânticas ligadas à gramática gerativa, semântica formal, que não dão nenhum crédito à história e às culturas. Na verdade, o tipo de linguística defendido por Rastier é:

- a) Uma linguística não inscrita na esfera filosófica (filosofia analítica e formal);
- b) Desligada de considerações psicológicas ou representacionais (ciências cognitivas);
- c) (Uma abordagem que integre a linguística geral e comparada, as considerações pragmáticas, uma vez que a semântica e a pragmática são consideradas como duas teorias complementares);
- d) Uma linguística textual destinada à descrição e não à aplicação das regras;

39. Cf. RASTIER, 1989, p.6.

40. Cf. RASTIER, 2001, p.17.

e) No plano epistemológico, insere-se no paradigma interpretativo.

4. As dicotomias fundadoras da semântica interpretativa

Para assegurar à sua teoria as condições necessárias à sua validade, o autor recorreu a um conjunto de princípios inspirados em diferentes paradigmas linguísticos e filosóficos. Apresentamos a seguir as dicotomias que constituem um quadro epistemológico e metodológico da semântica interpretativa.

4.1. Problemática gramatical x problemática hermenêutico-retórica

Na tradição logico-gramatical, a análise linguística repousa no nível sintático e define as unidades discretas através de processos de identificação. Neste caso, o sistema interpretativo baseia-se principalmente nos dados da máquina sintática (interpretação sintática como operação sobre os símbolos)⁴¹. Pelo contrário, na tradição retórica-hermenêutica, a interpretação baseia-se nas estruturas que não são concebidas como entidades ontológicas estáticas. Pelo contrário, são considerados espaços e temporalidades para percursos produtivos e interpretativos. Não se baseia no cálculo e refuta o princípio da composição. Rastier (2001) constatou que a investigação linguística se limitou às regras logico-gramaticais, o que levou as ciências da linguagem a ignorar os problemas do texto, como a entonação, a construção dos parágrafos, as formas semânticas.

O autor atribui um interesse mínimo à análise logico-gramatical do texto, bem como ao literalismo que se lhe segue, e defende métodos que atribuem importância à deontologia hermenêutica. Visando a dinâmica global do sentido do texto, a hermenêutica tem aqui um alcance fenomenológico e é desprovida de considerações lógicas. Em contrapartida, a concepção retórica-hermenêutica constitui um quadro de análise privilegiado que fundamenta a interpretação através dos conceitos de contexto, comunicação, discurso e corpus.

4.2. Problemática do signo x problemática do texto

A tradição logico-gramatical em que se inscreve a linguística textual (Van Dijk e Kintsh (1978), Adam (1990)) não permite elaborar uma teoria da interpretação dos textos. Somente uma abordagem que combine a herança das disciplinas do texto com uma teoria semântica pode permitir abordar os textos em toda a sua diversidade. Além disso, a semântica que se desenvolveu, anteriormente, no seio de uma linguística da palavra e da frase (Ver os trabalhos de B. Pottier (1974); R. Martin (1983); G. Kleiber (1997, 1999); I. Tamba-Metz, (1983); J. Lyons, 1978, 1980) não pode prestar contas do texto. Foi necessariamente baseada em princípios e abordagens de natureza linguística e psicológica. De fato, uma vez ligada aos textos, a linguística deverá ter em conta os conhecimentos adquiridos nas outras disciplinas do texto. Na abordagem de Rastier, convém estudar os textos dentro das práticas em que são produzidos; daí a preeminência do paradigma retórico-hermenêutico.

Rastier (1996a) opõe a problemática do signo (caracterizado pela significação) à problemática do texto (descrito em termos de sentido). O autor define os conceitos «signo» e

41. Cf. RASTIER, 1998, p.99.

«texto», pois constituem os dois polos intrínsecos da teoria semântica ou semântica linguística. Com efeito, o signo só se concebe através de um percurso interpretativo e não é, por si só, referencial, inferencial ou diferencial⁴². Quanto aos textos, são definidos como «performances plurissemióticas que implementam, além das línguas, géneros e estilos, sistemas gráficos e tipográficos (...) prosódicos, gestuais. Todos estes aspectos permanecem negligenciados pela semiótica⁴³». O signo faz parte da tradição logico-gramatical, ao passo que o texto é objeto das investigações baseadas no método de análise em retórica e hermenêutica. O autor procura promover uma semântica unificada que vai do signo ao texto⁴⁴, tendo em consideração, na interpretação, o contexto cultural e social que permite compreender um texto.

4.3. Sentido e significação

Segundo Rastier (2001), qualquer conteúdo semântico é determinado à luz dos conceitos de «significação» e «sentido». O autor se apoia nesta distinção, proposta pelos filósofos do Iluminismo, e os define assim:

- a) A semântica linguística autônoma define a significação como «uma relação entre os planos do signo (significante, significado) ou os correlatos do signo (conceito, referência)»⁴⁵;
- b) O sentido é «um percurso entre os dois planos do texto (conteúdo e expressão⁴⁶) Não se deduz das sequências de frases ou de proposições, mas é o resultado de um percurso das formas macrossemânticas. Por outras palavras, o sentido reside no processo linguístico (produção dos textos) e se percebe no percurso interpretativo.

O autor assume que o sentido está ligado aos textos e que a significação está ligada aos signos. Defende a distinção metodológica entre sentido e significação, sustentando que «a problemática do sentido tem por objeto o texto, não o signo, e define o sentido como interpretação passiva ou ativa⁴⁷». A outra aceção metodológica consiste em admitir que o texto não tem significação e que o signo não tem sentido. A questão que os críticos de Rastier levantam é que é possível falar de significação para os textos. Trata-se das unidades semânticas mínimas e estáveis, que são definidoras das lexias fora e dentro dos textos.

Vejamos a outra afirmação: o signo não tem sentido. Trata-se de um signo isolado ou desligado do seu contexto. Consideremos a palavra «matadouro», que significa: (1) «Lugar onde

42. Cf. RASTIER, 2021, 36-37

43. Cf. RASTIER, 1996, pp.38-39.

44. Concernente às duas unidades (sentido e texto), RASTIER (2017) estabeleceu um conjunto de princípios que orientam a condução do descritor. Entre estes princípios estão os que interessam ao texto e os que dizem respeito ao signo: «Todo o texto encontra as suas fontes num corpus; o texto isolado não tem existência; as unidades textuais elementares não são palavras, mas passagens; os signos não são, por natureza, instrumentos do pensamento» (RASTIER, 2017, seção: princípios gerais). Mas estes princípios não são passíveis de regras.

45. Cf. RASTIER, 2021, p.17. Observe que a semântica interpretativa faz uma distinção entre significado e conceito. Na verdade, foi a linguística saussureana que autorizou essa distinção. Como resultado, surgiram dois métodos: o método semasiológico tradicional, que vai do significante ao significado, e o método onomasiológico, que vai do significado ou conceito ao significante. A primeira é dominante na linguística cognitiva e a segunda é utilizada na lexicologia e adotada por RASTIER (2006).

46. *Ibid*

47. Cf. RASTIER, 2001, p. 37.

se abatem os animais destinados à alimentação», (2) «Matança, carnificina, massacre». Em (1) refere-se aos animais e em (2) aos seres humanos; mesmo no âmbito de uma frase como «isto é um grande talho!» a frase permanece ambígua, só o contexto alargado permite precisar o sentido pretendido. Ao discutir a hipótese de que o texto não tem significação, alguns podem objetar, considerando que a significação se encontra nos dicionários, obras dos linguistas que fundam as suas teorias a partir de nomenclaturas de palavras e de listas de frases. Rastier (2001) considera que a significação resulta da «descontextualização», operação que está na base dos trabalhos dos investigadores em terminologia e em lexicografia. Nesta ótica, o signo (ou a palavra) é um artefato. Disso decorre que o sentido é uma propriedade dos textos e não dos signos isolados (que não têm existência empírica).

Existem três concepções do sentido linguístico: (a) a primeira concepção é o estudo do sentido das unidades linguísticas independentemente do contexto; é o caso da análise sêmica de B.Pottier (1964;1974), nesta perspectiva, trata-se, com efeito, da problemática da significação, ligada à ontologia considerada extralinguística⁴⁸; (b) o segundo tipo de estudo considera que o elemento linguístico tem uma significação primordial, à qual se acrescenta o sentido pragmático; (c) A terceira posição sustenta que existem interações entre significação e sentido, é a hipótese da semântica interpretativa de Rastier, na qual a situação de comunicação e as práticas sociais desempenham um papel determinante na interpretação. Este último quadro de análise pressupõe uma «contextualização máxima» representada pela língua, a situação, a história e a cultura. De tais elementos, produzem-se os textos e se especificam as interações individuais e sociais sobre o plano artístico.

4.4. O global determina o local.

Na descrição, a prioridade é dada ao patamar do texto, já que é o conhecimento das características do texto que permite atribuir sentido à frase e à palavra. Nesta perspectiva, a apreensão e a descrição das unidades do texto exigem uma contextualização.

O sentido do morfema é definido no lexema, o sentido do lexema no sintagma, o sentido do sintagma na frase onde lhe atribuída uma significação no âmbito do período. O período, por inteiro, está inscrito no parágrafo cujo sentido é determinado no âmbito do texto. O princípio do global e do local estipula, portanto, que a determinação semântica das estruturas linguísticas do patamar superior permitem identificar o sentido das estruturas inferiores. Assim o global (o texto) determina o local (os signos). Além disso, o global não se limita ao texto, pois engloba o corpus, o discurso e o Gênero de texto. O autor sublinha que «os percursos globais não são, no entanto, uma extensão de percursos locais: aqueles que determinam as operações de atualização e de virtualização semânticas no patamar da palavra são previstos por percursos globais no patamar do texto⁴⁹». No plano prático, o princípio opera da seguinte forma: «a determinação do local pelo global é exercida, em suma, de duas formas, pela incidência do texto sobre as suas partes, pela incidência do corpus sobre o texto⁵⁰». Vale salientar se que este princípio, emprestado

48. A falta de análise baseada na ontologia leva o semântico a considerações filosóficas como a questão do Ser. RASTIER (2015, p.118) refuta os estudos linguísticos que se caracterizam pela ancoragem ontológica da linguagem e a semântica reivindicada é baseada na deontologia.

49. Cf. RASTIER,2001, p.110

50. Ibid., p.109.

da tradição hermenêutica, foi comprovado por experiências que mostraram que: «os caracteres globais que são os discursos, os gêneros e os estilos de autores obrigam as partes do discurso e outras variáveis acessíveis por rotuladores automáticos que são os discursos⁵¹».

4.5. Ontologia x praxeologia.

A problemática logico-gramatical se caracteriza-, no plano semântico, pela sua referência à ontologia, pois o patrimônio linguístico que a assume estipula a existência de um mundo ou de coisas fora dos enunciados. Em contrapartida, a problemática retórica-hermenêutica refuta esta concepção e tem como objetivo a análise linguística desviada das preocupações ontológicas. Com base no princípio da separação da ontologia dos estudos semióticos e semânticos, Rastier (2001) optou por uma metodologia de compreensão dos textos e das artes que estão na frente das demais disciplinas aplicadas; tal metodologia se inscreve na praxeologia definida como sendo «o estudo das performances semióticas na sua relação com os outros dois níveis da prática representacional e física⁵²». Daqui resulta que a primeira abordagem privilegia as entidades linguísticas, já que se apoia nas suas análises sobre a ontologia⁵³, herdada da tradição lógica, enquanto a segunda privilegia as performances; e, para isso, baseia-se no método da praxeologia que dá conta da construção dos textos e das suas transformações. Nesta perspectiva, a semântica interpretativa afasta-se da ontologia que prefere o referente⁵⁴. Assim, Rastier tende a promover uma semântica de ontológica que exige (I) o abandono da observação dedutiva para uma observação indutiva, (II) o abandono do referente pelo entorno⁵⁵, (III) a colocação em cena de uma teoria da ação para descrever a gênese e a interpretação dos objetos culturais. Para a análise dos textos, as críticas literárias recorrem, frequentemente, a polos externos ao texto e à textualidade⁵⁶. Nesta visão, são levados em consideração o estatuto do autor real, do leitor real e do mundo real. Ao agir assim, o sentido é concebido através de correlações não linguísticas. À luz destas concepções clássicas, os críticos tratam as obras evocando pessoas (o autor e o leitor) e o mundo exterior à linguagem. Na verdade, eles não tratam o texto como uma linguagem, signo semiótico. Quase sempre estas críticas clássicas não analisam os fatos literários enquanto sistemas semióticos.

5. Conclusão

O estudo suscitou questões relacionadas com (a) os mecanismos e procedimentos subjacentes à construção dos conceitos e princípios desenvolvidos na semântica interpretativa de Rastier; (b) o estatuto da sua teoria nas ciências humanas e sociais; (c) os pressupostos epistemológicos da sua fundação, (d) a caracterização das dicotomias que enquadram a teoria em questão e a partir das quais orienta a sua concepção do sentido e do texto. O estudo das considerações teóricas e metodológicas permite deduzir que:

51. Cf. RASTIER, 2015, p.161-162.

52. Cf. RASTIER, 2001, op.cit. p.301.

53. A semântica desenvolvida por KLEIBER (1997) é, por exemplo, considerada não linguística, pois se baseia em ontológicas (existência, mundo real e possível, condições de verdade) e psicológicas.

54. A tradição lógica e ontológica estudou a palavra como uma entidade isolada e desprovida de contexto.

55. Cf. RASTIER 1996a, pp.30-31.

56. Cf. RASTIER (1989;2001) et CHOLLER (2005)

- I) As semióticas logico-gramatical e a semiótica retórica-hermenêutica são dois tipos epistemológicos diferentes. A concepção de uma semântica autônoma insere-se nestes paradigmas;
- II) As diferentes problemáticas e questionamento da semântica interpretativa se inscrevem no paradigma diferencial;
- III) A semântica interpretativa refuta o princípio da composicionalidade na interpretação.

Assim, tal abordagem aciona a metodologia de uma semântica instrumental que permite validar as hipóteses, testar a pertinência dos conceitos descritivos e avaliar a adequação dos princípios de análise.

6. BIBLIOGRAFIA

- ABLALI, D., BADIR, S. et DUCARD, D., (2014), *Documents, textes, œuvres*, colloque de Cerisy, *Enhommage à François Rastier*, Presses universitaires de Rennes, pp.13-39.
- ADAM, J-M, (1990), *Éléments de la linguistique textuelle*, Bruxelles, Madraga.
- BLOOMFIELD, L., (1933), *Language*, Londres, RuskinHouse.
- BREAL, M., (1897), *Essai de sémantique*, Paris, Hachette.
- CAVAZZA, M., (1996), «Sémiotique textuelle et contenu linguistique», *Intellectica*, 23, pp.53-78.
- EL KHATTAB, D., (2021a), «Sémantique des textes: du sème au corpus» in *sémantique, figures et textes*, coordonné par D. El Khattab et I.Zellou, *Cahiers de la recherche scientifique*, n° 41, Faculté des lettres, Mohammedia, pp.49-69.
- EL KHATTAB, D., et ZELLOU, I., (2021), Présentation: Sémantique et rhétorique: sèmes, figures et textes», in *sémantique, figures et textes*, coordonné par D. El Khattab et I.Zellou, *Cahiers de la recherche scientifique*, n° 41, Faculté des lettres, Mohammedia, pp.7-12.
- EL KHATTAB, D., (2018), «Sémiotique des cultures et sciences de la culture chez François Rastier», *Acta Semiotica et Linguistica*, V. 23, n° 2, Juin – décembre 2018. pp.2-15. Enligne, volume XXIII- n°2 (2018), Coordonné par Carine Duteuil-Mougel, URL: <http://www.revue-texto.net>.
- EL KHATTAB, D., (2017), *Les sciences de la culture*, Casablanca, Dar Toubkal.
- EL KHATTAB, D., (2012), «Problématique du sens dans la sémantique des textes», in *Sciences du texte et problèmes d'interprétation*, *Cahiers de la recherche scientifique*, n°8, Faculté des Lettres, Mohammedia, pp.108-111.
- GALMICHE, M., (1975), *La sémantique générative*, Paris, Larousse.
- GRAWITZ, M., (2001), *Méthodes des sciences sociales*, 11^e édition, Paris, Dalloz.
- GREIMAS, A.J., (1966), *Sémantique structurale*, Paris, Larousse.
- HEBERT, L., (2002), *Introduction à la sémantique des textes*, Paris, Champion.
- HOUDÉ, O. (Sous la direction), (1998), *Vocabulaire des sciences cognitives*, PUF.

- KATZ, J.J. et FODOR, J. A., (1963), The Structure of a Semantic Theory, *Language*, 39, pp.170-210.
- KATZ, J.J. et POSTAL, P.M.,(1964), *Théorie globale des descriptions linguistiques*, Mame.
- KLEIBER, G., (1999), *Problèmes de sémantique: la polysémie en questions*, Presses universitaires de Septentrion.
- KLEIBER, G., (1997), «Sens, référence et existence: que faire de l'extra-linguistique», *Langages*, n° 127, pp.9-37.
- LAKOFF, G., (1971), On Generative Semantics, in Jakobovits and Steinberg, 1ere version : 1969. A. Davison ,G. Greenand J. Morgan. *Papers from the Fourth Regional Meeting of Chicago Linguistic Society*. Department of Linguistics, University of Chicago.
- LYONS, J., (1980), *Sémantique linguistique*, Paris, Larousse.
- LYONS, J.,(1978), *Éléments de sémantique*, Paris, Larousse.
- MAHMOUDIAN, M., (1995), «La théorie cohérente est-elle bien la meilleure», *Cahiers de L'ILSL*,6, 1995, pp.65-96.
- MARTIN, R., (1983), *Pour une logique du sens*, Paris, Honoré Champion.
- McCAWLEY, J.D., (1968), Lexical Insertion in a Grammar Without Deep Structure», in Bailey, Dardenand Davison, *Papers from the Fourth Regional Meeting of Chicago Linguistic Society*. Department of Linguistics, University of Chicago ; pp.71-80.
- POTTIER, B., (1974), *Linguistique générale. Théorie et description*, Paris, Klincksieck.
- POTTIER, B., (1964), «Vers une sémantique moderne», *Trav. Lin. Lit.*, pp. 107-137.
- RASTIER, F., (2021 [1999]), «De la signification au sens: pour une sémiotique sans ontologie», in *Sémantique, figures et textes*, coordonné par D. El Khattab et I.Zellou, *Cahiers de la recherche scientifique*, n° 41, Publications de la faculté des lettres de Mohammedia, Maroc, pp.15-48..
- RASTIER,F., (2015), *Saussure au futur*, Paris, Belles lettres.
- RASTIER,F., (2014), «La sémantique interprétative et les textes», in D.Ablali, S.Badir et D.Ducard , *Documents, textes, œuvres: perspectives sémiotiques*, colloque de Cerisy, *Enhommage à François Rastier*, Presses universitaires de Rennes, p.437-449.
- RASTIER, F., (2012), «La sémantique des textes:concepts et applications», in sciences du texte et problèmes d'interprétation, *Cahiers de la recherche scientifique* n° 8, publications de la faculté des lettres de Mohammedia, pp.11-42.
- RASTIER, F., (2006), «Formes sémantiques et textualité», *Langages*, n° 163, pp.99-114.
- RASTIER, F., (2001), *Arts et sciences du texte*, PUF.
- RASTIER, F., (1998), «Le problème épistémologique du contexte et le statut de l'interprétation dans les sciences du langage», *Langages*, n° 129, pp.97-111.
- RASTIER, F., (1996), «Problématique du signe et du texte», *Intellectica*, 23, pp. 11-53.
- RASTIER, F., Cavazza, M., Abeillé, A. (1994) , *Sémantique pour l'analyse*, Paris, Masson.

- RASTIER, F., (1993a), «Catégorisation, typicalité et lexicologie», in Dubois, D. éd., *Sémantique et cognition*, CNRS, pp.259-277.
- RASTIER, F.,(1993b), «La sémantique cognitive: éléments d’histoire et d’épistémologie»,in Nehrlich, B. éd., *Histoire, épistémologie, langage*, XI, 1, pp. 153-187.
- RASTIER, F., (1991), *Sémantique et recherches cognitives*, PUF.
- RASTIER, F., (1989), *Sens et textualité*, Hachette
- RASTIER, F.,(1987), *Sémantique interprétative*, PUF.
- REY, A., (1990), «Polysémie du terme définition», Chaurand, J. et Mazière, F. éd. *La définition*, pp.13-22, Paris, Larousse.
- SAUSSURE, F., (1916), *Cours de linguistique générale*, Paris, Payot.
- TAMBA-METZ, I., (1991), *La sémantique*, Paris, P. U. F., « Que sais-je? » n° 655, 2e édition corrigée.
- VAN DICK, T-A et W. KINTSH, (1978), “Toward a model of text comprehension and production”, *Psychologic Review*, volume 85, 1978, pp. 363-394.
- WIERZBICA, A., (1993), “La quête des primitifs sémantiques: 1965-1992”, *Langue française*, n° 98, pp.9-23.

Outras fontes

- CHOLLIER, C., (2005), «Littérature et sémantique des textes», [enligne], format PDF, disponible sur <http://www.revue.texto.net> consulte le 15-01-2020.
- DUTEIL-MOUGEL, C., (2004), «Introduction à la sémantique interprétative», [enligne], disponible sur www.revue-texto.net, consulte le 14-01-2020.
- HEBERT, L., (2020), *Introduction à l’analyse des textes littéraires: 60 perspectives*, version numérique, format Word, Université du Québec à Rimouski (Canada), site: <http://www.signosemio.com/documents/methodologie-analyselitteraire.pdf>, consulté le 12-04-2021.
- LACOUR, P., (2004), «L’oubli de la sémantique dans le programme cognitiviste :réflexions sur l’œuvre de François Rastier», *Texto !*décembre 2004 [enligne]. Disponible sur: http://www.revue-texto.net/Inedits/Lacour_LOubli.html , Consulté le 20-07-2021.
- RASTIER, F., (2017), «De la sémantique structurale à la sémiotique des cultures», *Actes sémiotiques*, 2017, no120, [enligne], URL: [www.unilim.fr/actes sémiotiques/5734](http://www.unilim.fr/actes_sémiotiques/5734), DOI: 10.25965/as.5734, consulte le 16-01-20201.
- RASTIER, F., (2010), « Sémiotique et linguistique de corpus », in *Signata*, [enligne], 1, 2010, mis em ligne le 26 avril 2016, URL: <http://journal.openedition.org/signata> consulte le 12 juillet 2021.
- RASTIER, F.,(2005), « La microsémantique », *Texto !* juin 2005, Vol. X, n°2, disponible dans http://www.revue-texto.net/Inedits/Rastier_Microsemantique.html, consulte le 20-6-2021.
- RASTIER, F., (1996a), « Pour une sémantique des textes — Questions d’épistémologie», in Rastier, F. éd. *Textes et sens*, Paris, Didier, pp. 9-38. *Texto !*1996 [enligne]. Disponible sur: http://www.revue-texto.net/Inedits/Rastier/Rastier_PourSdT.html., Consulté le 29-07-2021.

TRUDEL, É., (2009), «Éléments de synthèse em sémantique interprétative. Unités thématiques et expressives et approche morphosémantique d'une production sémiotique», *Texto !Textes et cultures*, vol. 14, n° 2, 14 pages. [http://www.revue-texto.net/docannexe/file/2284/trudel_synthesesemantique.pdf], consulte le 22-07-2021.